

A “legibilidade” de Jorge Amado. Um depoimento

Luiz Costa Lima

Embora tenha sido membro do Partido Comunista durante as décadas de 1930-40 e metade da década seguinte, só abandonando o partido em 1956, quando foram oficialmente reconhecidas as crueldades do regime estalinista, e tenha conhecido, como ativista político, a prisão, o exílio, a cassação de seu diploma de deputado federal, para não falar de sua expulsão do mesmo país que depois o condecoraria, a França, Jorge Amado foi, durante sua longa vida (1912-2001), por excelência um romancista – sem contar as biografias (de Castro Alves e Luís Carlos Prestes), os livros de crônicas, de memórias e de literatura infantil e a tentativa de teatro –, publicou nada menos que 22 romances.

À fecundidade do ficcionista correspondeu seu enorme êxito de vendas. Ela já se anuncia com seus primeiros romances. Estreando em

1931 com *O País do Carnaval*, a que se seguiram *Cacau* (1933) e *Suor* (1934) em 1935, *Cacau* é traduzido e editado na Argentina, bem como em Moscou, juntamente com *Suor*.

Ao êxito de vendas se acrescentam as premiações. No mesmo ano em que sofre sua primeira prisão política, 1936, acusado de haver participado da Intentona Comunista de Natal (1935), *Mar Morto* é premiado pela Academia Brasileira de Letras. Êxito de vendas e premiações o acompanharão por toda a vida. Se em 1951 recebe o Prêmio Internacional Stalin, em 1989, portanto bem depois da denúncia pública do ditador por Nikita Kruschev, recebe o Prêmio Pablo Neruda, oferecido pela Associação dos Escritores Soviéticos e, entre muitas outras, em 1999, a máxima honraria oferecida a um escritor em língua portuguesa, o Prêmio Camões, concedida pelos governos português e brasileiro.

Como se não fossem bastantes, às tiragens sempre maiores e aos prêmios e conde-

LUIZ COSTA LIMA é crítico literário, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da PUC-RJ e autor de, entre outros, *A Ficção e o Poema* (Companhia das Letras, 2011).

corações ainda correspondem as adaptações de romances seus para uma peça na Broadway, para enredos de filmes e de desfiles de escolas de samba. Tudo isso é ademais coroado ao se tornar o autor favorito para temas de telenovelas da TV Globo.

O roteiro acima, grosseiro e incompleto, daria a entender que estamos diante de um grande escritor? Normalmente, ou a pergunta não se põe ou se considera que tamanho êxito, em tantas arenas, implica estarmos diante de um escritor excepcional. Em vez de aumentar o “coro dos contentes”, gostaria de propor outro ângulo de consideração.

Desde seus três primeiros romances, Jorge Amado revelou seu talento de narrador. Embora, enquanto tais, fossem obras imaturas, era inegável esse seu talento. Mas, que ele quer dizer? Ter talento de narrador significa a capacidade de enredar alhos e bugalhos em um curso temporalmente linear, composto de tal modo a tornar a leitura atraente e leve. Visto nesse sentido, entre um grande narrador e um escritor de peso ainda há uma diferença considerável.

Um grande escritor terá por certo uma obra atraente, mas gostaria que me apresentassem um cuja leitura fosse leve, isto é, passível de ser absorvida em uma primeira e rápida leitura. Por atrativo e leve, o uso comum entende um texto altamente “legível”. E essa legibilidade supõe tornar prazerosa e excitante a matéria abordada. Ora, isso Jorge Amado soube fazer cada vez melhor. Daí poder-se dizer que é de sua obra que deriva a imagem que internacionalmente se fixou do Brasil. Que imagem? De um país que prima pelo calor não só do clima como das relações humanas; um país onde domina uma saborosa sensualidade, em que parece se perceber o gosto de viver, um constante espírito de graça, de desinibição, de solicitude e bom humor. Mesmo em sua fase de comunista, enquanto seguidor das normas do realismo socialista, os personagens de Jorge Amado primavam por mostrar que a desigualdade social, a exploração latifundiária, o domínio dos coronéis eram manchas que destoavam do calor de uma terra afável

e cordial. Daí sua extrema “legibilidade”.

Pode-se entretanto contestar: se seu texto se ajustava tão bem ao princípio básico do realismo socialista – ser uma escrita progressista e passível de ser entendida por todos – como se explicaria que seu êxito se prolongasse pela França, pela Itália, pelos Estados Unidos e pelas dezenas de línguas em que se encontra traduzido? Não teria nada de irrazoável afirmar-se que a equivalência entre legibilidade e texto de fácil manejo é também justificada por um critério capitalista. (Em caso de dúvida, atente-se nas publicidades de produtos eletrônicos.) Prefiro contudo associar sua difusão além dos blocos políticos a uma outra razão: os enredos dos romances de Jorge Amado correspondem ao pressuposto de que o Brasil é um país exótico, em que a mistura de raças, desacompanhada de uma rígida vigilância religiosa, fosse católica, fosse protestante, provocou uma agradável desinibição dos sentidos, sobretudo da sensualidade; país, ademais, que, não tendo contado com uma forte escolaridade, desconhecia uma ficção séria, sóbria, grave, potencialmente trágica. Assim se explicava seu êxito tanto nas órbitas opostas do comunismo e dos países capitalistas, como ainda em escala nacional. Nessa última, a “legibilidade” traduzia outra espécie de valor: eis uma ficção que não explora nem as ambiguidades de Machado, nem a sequidão de Graciliano Ramos, nem a complexidade de planos de Guimarães Rosa, senão que agrada e atrai o leitor, sem dele exigir trabalho de decodificação. Daí sua descoberta como o filão mais rico a ser explorado por nossa telenovela.

Torna-se assim explicável o extraordinário êxito internacional e nacional de Jorge Amado. Mas isso tinha seu preço: ultrapassar o nível da extrema fluência narrativa supunha um risco inevitável. De fato, embora já em *Mar Morto* e *Jubiabá* o romancista

O escritor português José Saramago e Jorge Amado em frente ao Exu, na porta da Fundação Casa de Jorge Amado, no Pelourinho (Salvador, 1996)



Fundação Casa de Jorge Amado



Fundação Casa de Jorge Amado

Carybé e Jorge Amado na casa do Rio Vermelho (Salvador, 1966)

baiano mostrasse um domínio de fabulação que a princípio desconhecia, só houve um momento em que ele se dispôs a ir além da linearidade cativante e superficial.

Será por acaso que, diante do êxito do *Grande Sertão: Veredas* (1956), Jorge Amado pouco depois publique a novela “A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua” (1959)? E que, acrescentando-lhe outra novela de mesmo nível, o relato do “capitão de longo curso”, Vasco Moscoso de Aragão, publique em 1961 *Velhos Marinheiros*? Sem em nada comprometer o tom de graça e o bom humor que atravessa sua obra, *Velhos Marinheiros*, contudo, vai muito além do que Jorge Amado fizera antes e voltará a fazer depois. É ele como sua resposta ao desafio de Rosa. Não parece por isso ocasional que a reunião das duas novelas excepcionais não tenha tido o êxito antes reservado a *Mar Morto* e *Jubiabá* e que se tornaria retumbante com as Gabrie-

las, as Tietas e as Terezas Cansadas de Guerra.

Com *Velhos Marinheiros*, Jorge Amado mostrava que, de fato, podia ter sido um grande escritor. Preferiu no entanto – e não poderia ser criticado por isso – o êxito comercial e a consagração entre seus pares. O primeiro culminaria com as telenovelas da Globo. A segunda, com seu ingresso na Academia Brasileira de Letras. Da farda partidária passaria para o fardão carnavalesco. Além do mais, por sua penetração pelo mundo, cristalizou-se a imagem até hoje dominante do país no estrangeiro. De acordo com ela, ao Brasil não caberia a dúvida hoje lançada por Nuno Ramos, no seu *Ó* (2008): “Sem conseguir escolher se a vida é bênção ou matéria estúpida [...]”. Para Jorge Amado e seus entusiastas, a alternativa é absurda e “politicamente incorreta”. De acordo com sua “legibilidade”, a dúvida é intolerável: ora bolas, a vida é porque é... uma bênção.